
OS SENTIDOS FILOSÓFICOS E LITERÁRIOS DA COBRA ENCANTADA

Marilina Conceição Oliveira Bessa Serra Pinto¹

<http://lattes.cnpq.br/8482510161447799>

<https://orcid.org/0000-0002-9633-7470>

Fui convidada pelos organizadores deste dossiê a pensar uma fração da minha própria produção acadêmica. Retornar às minhas próprias escritas foi um trabalho curioso reviver o processo histórico da atividade de escrita científica, relendo-me, recordando os rabiscos, avanços e retrocessos da escrita; dores e alegrias simultâneas, das autosensura e do sofrimento que é partejar um texto acadêmico, que agoniza antes de nascer, mas que regorziça quando no mundo.

“Cultura e Ontologia no Mito da Cobra Encantada” busca analisar os mitos relacionados com a cobra grande e adota como ponto de partida o contexto cultural da Amazônia. É defendida a tese de que os mitos se comunicam entre si, justamente porque o simbólico constitui uma estrutura cognitiva fundamental para a tarefa de desvendamento do mundo, e como tal, deve ser reincorporada nos modos de produção do saber. Apoiada nas construções teóricas do dispositivo estruturalista, na antropologia do imaginário e nas bases epistemológicas do pensamento complexo, a tese concentra-se na produção imaginária relacionada ao simbolismo ofídico manifesto nas narrativas míticas e na literatura e, aponta para a possibilidade de uma aproximação entre arte, mito e ciência, na qual razão e desrazão possam conviver dialogicamente.

Trata-se de tese doutoral defendida no ano de 2005, no Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob a orientação do Professor Doutor Edgard de Assis Carvalho, e posteriormente publicada pela Editora da Universidade Federal do Amazonas (EDUA) no ano de 2012, após um longo período de maturação, primei por uma abordagem original que pudesse trazer elementos reflexivos sobre a cultura amazônica e por meio deles pudessem ser vislumbradas estruturas cognitivas capazes de mostrar modos distintos de ser e de estar no mundo.

¹ Doutora em Ciências Sociais pela PUC/SP; Docente do Departamento de Filosofia da UFAM; Docente do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFAM; E-mail: serrapinto.m@gmail.com.

Ontologicamente a água pode ser considerada um dos sinônimos possíveis para se pensar sobre a Amazônia, as múltiplas formas pelas quais esse ser se manifesta na sua concretude e exercem uma grande influência sobre seus habitantes. À imensidão das águas corresponde um caudaloso fluxo de imagens reflexo imaginadas pelos homens desde tempos arcaicos. Navegar sob esse mar de significados é procurar conhecer o habitat dos personagens fantásticos que povoam este universo aquático.

Revestida pelas forças potentes e ambivalentes geradoras da vida e da morte, como é próprio nas vias da fabulação foi escolhida a cobra grande como unidade discursiva da pesquisa, por se tratar de um dos personagens míticos mais emblemáticos do imaginário ribeirinho que recobre a Amazônia, e daí ter se transformado em objeto de tese doutoral a fim de contribuir com a discussão acerca do problema clássico presente na filosofia e na história das ciências que é a relação entre *logos* e *mythos*.

Partindo do pressuposto que o paradigma clássico das ciências herdou da metafísica ocidental um modelo de pensamento polarizador que utiliza dicotomias para se pensar o real, tais como o ser e o pensar; a aparência e a realidade; a natureza e a cultura; criou-se um ambiente de inquietações relativas aos diferentes modos de produção do conhecimento, cuja hipótese inicial pretendia demonstrar que todas as estratégias cognitivas, utilizadas para pensar o mundo, devem ser valorizadas pela lógica da racionalidade. Embora passado, mais de uma década da publicação do livro, a leitura se atualiza nas discussões que envolvem a democratização do ensino superior às camadas de brasileiros como indígenas e quilombolas, os quais historicamente, tiveram esse acesso negado e cuja chegada ao ambiente acadêmico gerou uma série de desafios, sobretudo, quando se trata de colocar em questão os modelos rígidos de ensino-aprendizagem criados e voltados para a tradição científico cultural do Ocidente, e pelo tipo de conhecimento que vem sendo produzido por essas minorias, uma vez que são portadores de elementos que encontram-se muito próximos dos seus conhecimentos ancestrais, até então, pouco valorizados pela Academia.

Ao examinar o fabulário amazônico perscrutando os caminhos abertos pela cobra grande, pretendi mostrar que nos mitos, manifesta-se mais uma possibilidade de leitura do real desfazendo o preconceito que o concebe como uma forma atenuada do pensamento racional. O argumento que sustenta a tese se encontra na ideia de uma interação entre o mito e a razão, numa postura colaborativa entre filosofia, arte e ciência, tomando como base o recorte de uma realidade cultural distinta, mas sem perder de vista que o centro da reflexão é o homem e suas múltiplas maneiras de pensar o mundo.

Posicionar a Amazônia em contexto mais amplo é, em primeiro lugar, pensar que seu espectro se constitui como um dos maiores repositórios míticos do planeta, e que na diversidade de representações existentes, ela aparece ainda como um dos sonhos da humanidade, cuja riqueza do seu território é convertida simbolicamente em imagem matricial. É difícil falar nela sem resvalar numa linguagem poética e portadora de significados que excedem os limites da neutralidade objetiva, vide o inventário dos discursos fabricados pelos naturalistas, viajantes e cientistas que ainda hoje a visitam. O que importa observar é que o tema “Amazônia”, sobretudo, na área das Ciências Sociais no Brasil, apesar de rarefeito na revisão da literatura existente, mobiliza estilos e métodos interpretativos no campo do Pensamento Social cujas motivações, se constituem dentro de uma diversidade que oscila entre o senso de pertencimento à região e a valorização das vozes locais ou à pesquisas relacionadas aos planos de intervenção do estado brasileiro na região. A opção metodológica adotada para a realização da pesquisa conduzida pela interdisciplinaridade que transitou entre a Filosofia, a Literatura e as Ciências Sociais, adotou a revisão bibliográfica e o estilo ensaístico como gênero textual.

Em relação ao levantamento bibliográfico acerca da unidade discursiva da tese, ou seja, os mitos relacionados à cobra grande, constatou-se, farta documentação existente, cujo acervo pôde ser observado desde os mitos ancestrais dos povos originários passando pelo fabulário popular, o folclore, a literatura dos viajantes até resvalar na poética contemporânea. De posse do material, a investigação em tela abraçou o desafio de pensar e discutir o sentido do mito para além dos limites das determinações e configurações que o pensamento filosófico-científico construiu ao longo dos quase três milênios de esforço civilizatório. Tarefa desafiadora, pela imposição dos padrões científicos limitadores com suas exigências de clareza, objetividade, prova e demonstração. A realização da tarefa de reflexão diante das narrativas míticas, ou seja, de cosmovisões distintas das nossas implica sempre um olhar para o outro, neste sentido, a pesquisa foi conduzida pela tentativa de se colocar diante do mito sem traí-lo.

Do mergulho no universo teórico de sustentação do trabalho, uma das mais profícuas diretrizes resultantes foi o encontro com o pensamento de Claude Lévi-Strauss, sobretudo, na leitura das “*Mitológicas*”, uma vez que a tetralogia constitui-se como referência obrigatória para a compreensão do *modus operandi* da reflexão mito-poética, o que resultou em auxílio fundamental para a constituição do *corpus* mitológico composto por trinta e seis narrativas de

povos e origens geográficas variadas, alocadas no primeiro capítulo intitulado *Jornadas Sinuosas*.

A narrativa de abertura, diz respeito ao mito cosmogônico Tukano-Dessana, no qual a cobra surge no formato de embarcação e serve de transporte a toda a humanidade que viajava pelo curso dos rios abrigada em seu ventre. Ao longo do trajeto, que começa na Baía de Guanabara no Rio de Janeiro e termina na Cachoeira de Ipanoré no noroeste amazônico, no curso dessa viagem houve uma série de paradas nas denominadas “Casas de Transformação”, sempre reportando à ocasiões de aprendizagem com saberes do tipo xamânico conduzidos por seus heróis primordiais e que acabaram por ensinar aos homens as artes civilizatórias. Destaque-se aqui, a grande relevância antropológica desse mito que é compartilhado por mais de vinte etnias habitantes do complexo cultural formado por essas populações na região do Alto Rio Negro, no noroeste amazônico.

No decorrer das narrativas, a cobra transformou-se em constelação e arco-íris; deu origem a acidentes geográficos; uniu-se incestuosamente às mulheres; assumiu a paternidade de seres híbridos; promoveu dissensões e conjunções; ensinou os segredos da agricultura e da manufatura da cerâmica e concedeu o fogo. Confeccionou os protótipos da futura humanidade enquanto Serpente Emplumada; revelou os segredos do Bem e do Mal ao casal adâmico; manteve-se fiel guardião de tesouros preciosos e como consequência de uma das versões de sua morte, criou a diversidade multicolorida das penas que enfeitam os pássaros.

Observando o conjunto de versões que formatam o *corpus* mítico do trabalho, constituiu-se a hermenêutica dos padrões simbólicos apresentados nas narrativas sob a forma de imagens, plenas de significados. As análises foram realizadas tomando como base teórica a Antropologia do Imaginário, sistematizada por Gilbert Durand. A partir da reunião de imagens recorrentes que serviram de base aos enredos das histórias e que foram chamadas, na perspectiva durandiana, de trajetos antropológicos. Nela é postulada uma troca que existe, ao nível do imaginário, entre as pulsões subjetivas e assimiladoras e as intimações objetivas que emanam do meio social. Deste modo, estabeleceu-se um diálogo com a matéria mítica, mostrando os paralelismos, as inversões, as transformações e, sobretudo, o trabalho comparativo que visibiliza as semelhanças existentes nas narrativas de contexto mítico-culturais diferenciados.

O tratamento cognitivo dado à interpretação mítica foi discutido no segundo capítulo da obra, intitulado *Epistemologia Imagética*, a partir de bases teóricas levistraussianas. Quando da escolha e constituição do *corpus* mítico, vi confirmar-se que a lógica interna das

imagens convergiu para um ordenamento natural, porque os mitos falam por si. Compostos pelo conjunto de suas variantes, esses sistemas obedecem, de fato, a um campo estruturado. A técnica de organização de fragmentos, cujo objetivo é formar um conjunto harmônico de elementos, aparentemente sem nenhuma ligação entre si, denominada de bricolagem, inspirou o modelo de organização do *corpus*. Nas *Mitológicas*, a concepção de mito é inseparável de uma reflexão mais profunda, que envolve a totalidade do real ao transformá-lo em um universo pensável, sobretudo, quando se trata das relações entre natureza e cultura, tais relações aparecem espelhadas nos mitos como uma mesma realidade, cuja separação é resultado do produto histórico que concede primazia a uma visão de mundo disjuntora.

Colecionaram-se os temas míticos relacionados com a cobra: os mitos agrários do mundo vegetal; os fenômenos meteorológicos; suas uniões com as mulheres; sua ligação com a matéria fluida; suas características. As variações das narrativas emergiram combinadas com os mitos apresentados e as proezas realizadas pela cobra: a origem da noite; das plantas cultivadas; a conquista do fogo; o parto da humanidade e dos peixes que lhe servem de alimento formaram um conjunto que levou em conta o princípio básico de que todos os detalhes podem ser úteis, até mesmo aqueles que parecem não significar nada.

Essa perspectiva visou fornecer elementos que pudessem contribuir na reflexão sobre a constituição do imaginário local e global, considerando que esse é o resultado dos contatos entre os povos ao longo da história. A constelação de imagens que desfila, ao longo do texto, abrange desde a tradição ibérica e passando pelos contos e fábulas regionais. Abordou-se também, o papel da água como elemento motivador do dinamismo imaginante, a partir da teoria da imaginação de Gaston Bachelard que forneceu o suporte teórico necessário para a análise das relações entre a poesia o imaginário e o mito, ao valorizar a elaboração das imagens que antecedem os conceitos, buscando aproximar arte e ciência. Segundo a ótica bachelardiana haveria uma ordem metodológica e epistemológica nas ciências que convive com uma ordem não científica regida pelo sentimento estético e pelo imaginário, preconizando que o verdadeiro desejo da linguagem é o fluir e o campo para o estudo da imaginação é a obra literária, a palavra, a frase.

Deste modo, os mitos encarnados em uma tradição exercem a função de explicar um acontecimento, a literatura alimenta-se dessa tradição. As imagens literárias são as mais eficazes para a análise do exercício imaginativo uma vez que exigem uma participação direta do leitor, ao tratar sobre os símbolos imaginais que envolvem o elemento aquático amazônico e seus personagens, mobilizei poetas amazonenses como Elson Farias, Astrid Cabral, Celdo

Braga, Simão Pessoa, Jorge Tufic, entre outros. e penetrando ainda mais na análise sobre o problema da arte e da literatura como ferramentas para pensar o mito, chamei João Guimarães Rosa, Raul Bopp, Euclides da Cunha, Cora Coralina e Goethe, uma vez que, esses autores mergulharam nas raízes do imaginário e de lá trouxeram arquétipos, tipos humanos, crenças e costumes.

O percurso desenvolvido no corpus mítico não visou acompanhar a evolução das narrativas que envolvem a cobra grande, e consequentemente, a busca por um acabamento mais refinado, como o da discursividade literária. Pretendeu-se mostrar, ao contrário, que o imaginário é o grande baluarte do homem diante de tudo o que ele cria, e mostrar que há um fundo comum nas diversas formas de construção simbólica dos mais diferentes povos. As narrativas míticas analisadas não possuem uma assinatura individual; elas integram o patrimônio de coletividades distintas, que lhes confere legitimidade. Toda essa discussão que trata do simbolismo das águas e da dinâmica da imaginação material segundo a perspectiva bachelardiana encontra-se no terceiro capítulo intitulado *Águas Encantadas*.

Nos capítulos quarto e quinto respectivamente, *Ecos Sibilinos*, a partir de um inventário de monstruosidades, é tratada a relação da cobra com outros personagens míticos e mostrada por meio da analogia, que em diversas épocas e contextos culturais distintos, os mitos assumem formas variadas. No último capítulo, *Complexidade dos Mitos* foi discutida a relação das narrativas míticas com a cultura a partir do lugar que os mitos ocupam no imaginário contemporâneo. A escolha pela teoria da complexidade de Edgar Morin serviu na tese, para corroborar a ideia de que o pensamento mítico das origens não dissocia o homem da dimensão biológica da vida. As narrativas míticas demonstram que a cultura está na natureza e a natureza está na cultura, porque a lógica do imaginário apresenta as ações humanas em um plano interativo com as ações dos demais seres vivos.

Em seu projeto antropológico, Morin visa à destruição da oposição simplificadora, responsável pela fragmentação do conhecimento. Sua proposta básica de superação do paradigma clássico da ciência vai ao encontro do mítico, na medida em que estes são integrantes de um determinado aspecto da cultura. Os mitos são narrativas imaginário-simbólicas, constituintes de um universo inseparável de nosso universo empírico-racional, muitas vezes confundido com este e utilizado como formatação do seu suporte. A teoria dos objetos complexos compreende um nível lógico, que diz respeito à infraestrutura tácita do conhecimento e um nível empírico, que é a realidade em si mesma. Em ambos os níveis há um princípio baseado nas concepções bio antropológicas. Ao tecer uma

ponte entre o homem e a vida, Morin pretende fecundar as ciências humanas com as ciências da vida. A antropologia seria o encontro das múltiplas possibilidades endógenas do homem, com as condições ecológicas, as circunstâncias, os acontecimentos, os imprevistos. Concluo a tese com um convite para nos despiremos da nossa arrogância perante as outras espécies vivas, uma vez que os mitos nos mostram caminhos, que podem tornar menos penosa nossa trajetória no planeta Terra: a cooperação, o respeito, a tolerância para com as diferenças são utopias secretamente desejadas e devem continuar alimentando nosso imaginário.

Referências

SERRA PINTO, Marilina Conceição Oliveira Bessa. Cultura e ontologia no mito da cobra encantada. Manaus: Edua, 2012.